

A MORTE E A IMPOSSIBILIDADE DO LUTO: UMA ANÁLISE DO CONTO "O PIROTÉCNICO ZACARIAS" DE MURILO RUBIÃO EM PARALELO A REALIDADE DO REGIME MILITAR BRASILEIRO

João Victor Hermsdolff de Oliveira;
Vitória Francis Duquina.¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o conto "O Pirotécnico Zacarias", de Murilo Rubião, como recurso didático em sala de aula para refletir sobre a temática da morte e da impossibilidade do luto no contexto do regime militar brasileiro. Utilizando a narrativa fantástica como uma ferramenta indireta e metafórica, este estudo propõe que tal abordagem funcione como um facilitador na discussão de temas complexos e sensíveis, como o luto, em sala de aula. Pretende-se, ao decorrer do texto, contextualizar o conto de Murilo Rubião, destacando as suas características estilísticas e temáticas e, dessa forma, realizar um paralelo com a realidade existente no período da ditadura no Brasil e a necessidade de não esquecê-la. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica e a comparação entre as referências metodológicas já existentes do ensino da temática da morte e da ditadura militar em sala de aula. Espera-se então, que este estudo sirva de inspiração e opere como um facilitador para os docentes, quando forem tratar de determinados assuntos nas instituições escolares.

Palavras-chave: morte, literatura, ditadura, memória, História.

Introdução

A ditadura militar no Brasil, que perdurou de 1964 a 1985, representou um período marcado por repressão política, censura e violações dos direitos humanos. Este governo, que operou sob diversas formas de autoritarismo, deixou cicatrizes profundas na sociedade brasileira. Com a estimativa de mais de 434 mortos e desaparecidos, essa época trouxe não apenas agressões físicas à população, mas também ataques ideológicos aos indivíduos. Além disso, devido ao grande número de desaparecidos, a possibilidade de luto e os rituais de sepultamento foram desconsiderados, uma vez que havia a ausência dos corpos.

¹ Graduandos em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

O período da ditadura militar, um assunto de extrema importância para o debate histórico brasileiro, seja pela questão da reparação, conhecimento ou pela apresentação dos fatos, ainda é largamente negligenciado pela população, seja pela falta de enfrentamento da dor ou pelo controle ideológico de setores da sociedade. De acordo com Le Goff (2003), controlar a memória, o esquecimento e os silêncios na História sempre foi uma grande preocupação para as classes, grupos e indivíduos que dominam as sociedades ao longo da história. Sob essa perspectiva, os conflitos em torno do domínio e da preservação de certas memórias são caracterizados por silêncios, esquecimentos e embates que moldam a história das sociedades humanas, especialmente nas democracias contemporâneas. Nesse sentido, considerando a disputa política envolvendo as narrativas da ditadura, esse tema, embora fundamental, ainda é pouco abordado nas salas de aula do ensino básico.

Ensinar sobre a ditadura militar nas salas de aula, no entanto, apresenta desafios significativos, especialmente devido à natureza sensível e complexa dos eventos e impactos desse regime. Ainda assim, como cita Verena Alberti, em seu artigo “Ditadura militar brasileira nas aulas de História”, no Brasil “é possível que muitos jovens tenham, na memória, mais registros das violações cometidas pelo nazismo do que daquelas que foram cometidas pelo Estado durante nossa ditadura militar” (2021, p.3). Ademais, é possível observar que há um outro problema, para os professores, em relação ao ensino desta temática, sendo o fato de o currículo abranger conteúdos muito grandes, e para pouco tempo, de História Geral e Brasileira. Diante disso, observamos a falta de espaço efetivo para o desenvolvimento da complexidade desse período em questão, destacando as suas especificidades e diferentes impactos, assim como a falta de materiais e sugestões pedagógicas para o ensino mais aprofundado.

Ao refletir sobre esse panorama, torna-se evidente a necessidade de incorporar de forma mais efetiva o estudo da ditadura militar brasileira no currículo escolar, assegurando que as novas gerações compreendam a extensão e o impacto desse período na história do país. Assim, argumenta-se que, apesar de se tratar de um tema sensível, é imprescindível sua presença nas aulas de História. Com esse objetivo, este artigo utiliza o conto “O Pirotécnico Zacarias” (1974), de Murilo Rubião, como base para uma análise e discussão dos métodos de ensino sobre os graves acontecimentos da ditadura militar no Brasil, incluindo os casos de mortos e desaparecidos. A metodologia empregada abrange a investigação crítica do conto mencionado, a pesquisa bibliográfica e a comparação com referências metodológicas existentes sobre o ensino da morte e da ditadura militar em sala de aula.

O fúnebre encontro de Zacarias com a realidade tênue da ditadura militar no Brasil

Murilo Rubião, nascido em 1916, emergiu como um dos principais expoentes do realismo fantástico no Brasil. Com formação em Direito, Rubião desempenhou diversas funções públicas e co-fundou o Suplemento Literário de Minas Gerais. Seu talento literário ganhou notoriedade com a publicação de seus contos, especialmente com "O Pirotécnico Zacarias", republicado em 1974, consolidando a sua reputação como um mestre do fantástico. Neste conto, ele utilizou elementos surreais para explorar temas complexos e profundos da condição humana e da sociedade.

Rubião utilizava o realismo fantástico como uma estratégia para fazer emergir questionamentos sobre a sociedade e os seus indivíduos. Alguns dos seus contos, impregnados de surrealismo, apesar de não serem produzidos no contexto ditatorial militar, oferecem a possibilidade de crítica e análise do regime autoritário, refletindo as dificuldades e os abusos enfrentados pela população. Através de metáforas e situações fantásticas, há a oportunidade de abordar a censura, a repressão e o desaparecimento de pessoas, transformando as suas narrativas em um meio de resistência e expressão das tensões sociais e políticas da época.

Nesse sentido, "O Pirotécnico Zacarias" narra, em primeira pessoa, a história de Zacarias, um artista pirotécnico que, apesar de morrer atropelado, continua a realizar suas atividades como antes. Zacarias é capaz de relatar seu próprio falecimento, dizendo: "Em verdade morri, o que vem ao encontro da versão dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente" (RUBIÃO, 1974, p. 14). A confusão sobre sua condição provoca diversas reações nas pessoas, que ficam divididas entre acreditar que ele está vivo ou morto.

Ao longo da história, Zacarias enfrenta a rejeição e o medo das pessoas que o conheciam, além de uma tentativa frustrada de se inserir em um grupo de jovens que o atropelaram. Ele acaba sendo rejeitado devido à sua condição peculiar. A trama culmina com Zacarias aceitando a sua existência única, refletindo sobre a natureza da vida e da morte, e contemplando a complexidade de sua situação enquanto um morto-vivo.

Não obstante, este artigo não pretende narrar a trama, mas sim analisar aspectos da narrativa de "O Pirotécnico Zacarias". Desde o início do conto, fica claro que um véu é desnudado após o acidente de Zacarias. Encontrando-se em um estado intermediário entre a vida e a morte, ele começa a perceber o cotidiano de forma diferente. A bebida perde o seu

gosto habitual, as cores se tornam mais vibrantes, e a sua sensibilidade é intensificada. Destaca-se que, mesmo sendo um morto-vivo, Zacarias possui mais empatia e emoções do que as pessoas ao seu redor. Sua capacidade de amar e discernir é superior à dos vivos, conforme evidenciado na citação: “E a minha angústia cresce ao sentir, na sua plenitude, que a minha capacidade de amar, discernir as coisas, é bem superior à dos seres que por mim passam assustados” (RUBIÃO, 2010, p. 20).

Zacarias transcende a sua condição meramente física para se tornar um símbolo de resistência na narrativa em questão. Enquanto os perpetradores do crime buscam apagar as evidências de sua responsabilidade, a voz de Zacarias persiste, não apenas para preservar a sua própria memória, mas também para confrontar a injustiça que o levou à morte.

A história se desenrola em torno dos detalhes intrincados do destino do corpo moribundo de Zacarias, cuja incapacidade de influenciar o seu próprio destino contrasta com a sua necessidade de depender daqueles que o tiraram da vida para que a sua história seja completa. A indiferença dos responsáveis pelo crime diante da gravidade da situação é exemplificada na citação: "A ideia inicial, logo rejeitada, consistia em me transportar para a cidade, onde me deixariam no necrotério" (RUBIÃO, 1974, p. 16). Esta passagem ilustra a frieza com que lidam com a morte, evidenciando uma desconexão perturbadora com a seriedade do evento. Desta forma, a narrativa não apenas documenta o evento fatal, mas também explora as complexidades morais e emocionais envolvidas na determinação do destino póstumo de Zacarias, enquanto ele persiste em transcender o seu papel como um mero corpo, buscando reivindicar a sua identidade e justiça.

Em um segundo momento, o personagem Zacarias, que se encontrava plenamente consciente após a sua morte, intervém nas discussões sobre o destino de seu corpo, recusando ser lançado em um precipício onde o seu corpo ficaria oculto e a sua memória apagada. Historicamente, essa narrativa reflete o desejo de muitos durante a ditadura de serem lembrados e de resistirem ao apagamento imposto pelo regime autoritário. A vaidade de Zacarias em querer ser lembrado nas manchetes dos jornais espelha o anseio das vítimas do regime de terem as suas histórias reconhecidas e a sua dignidade restaurada, desafiando o silenciamento e a repressão. Essa passagem utiliza a ironia para sublinhar o absurdo de uma sociedade que, mesmo na morte, nega a visibilidade e a justiça às suas vítimas, criticando a maneira como o regime lidava com os desaparecidos e mortos políticos, muitas vezes tentando apagar as suas existências para evitar questionamentos e manter o controle sobre a narrativa histórica.

Na estratégia artilosa que define o destino do corpo de Zacarias, os jovens responsáveis pelo atropelamento optam por trocar um de seus amigos desmaiados no carro pelo corpo moribundo de Zacarias. Assim, vestido com as roupas do amigo substituto, Zacarias é levado para uma jornada inesperada ao lado de uma mulher ruiva e os seus novos companheiros, em uma festa sem fim de bebidas e prazeres. No entanto, o desfecho surpreendente ocorre quando Zacarias, ao final da festa, expressa o desejo de que seu corpo seja levado ao cemitério, evidenciando uma necessidade de encerramento digno após a sua morte ambígua.

Este episódio na obra sugere uma reflexão sobre os desaparecidos e mortos durante o Regime Militar, muitos dos quais foram vítimas da repressão sem que as suas famílias soubessem o destino final. A insensibilidade de um governo autoritário deixou um vazio irreparável nas vidas daqueles que perderam entes queridos, privados até mesmo do direito básico de realizar rituais fúnebres.

Além disso, a relutância dos amigos em aceitar a morte de Zacarias, preferindo tratá-lo como vivo para aliviar sua culpa, reflete uma dificuldade emocional profunda. Esse "ceticismo" impede o fechamento da vida de Zacarias, que fica preso entre o mundo dos vivos e dos mortos, ausente na consciência de ambos.

O conto de Zacarias culmina com ele expressando uma angústia profunda diante da incerteza de seu destino póstumo. Em suas reflexões, ele pondera sobre a vida dos vivos, que muitas vezes é marcada por uma existência agonizante. Zacarias, consciente de sua condição entre a vida e a morte, questiona se algum dia os homens entenderão a sua existência marginalizada. Contemplando o amanhecer de um possível novo dia, ele vislumbra uma transmutação de sua própria essência, onde as cores se intensificam e o branco se aproxima com ternura. Assim, Zacarias não encontra o descanso final na morte, mas sim uma nova percepção de sua própria existência, ecoando temas de transitoriedade e metamorfose que permeiam a narrativa.

O texto não apenas narra uma história singular, mas também lança um olhar crítico sobre as consequências humanas e sociais de negar o descanso e o reconhecimento aos que partiram, refletindo sobre temas históricos e existenciais que ecoam além das páginas da narrativa.

Zacarias em cena: um retrato das vítimas da ditadura em sala de aula

A questão da morte e as suas ramificações sociais e políticas são temas sensíveis que muitas vezes são relegados ao silêncio nas instituições educacionais. Segundo Kovács (2012), há uma interdição cultural em torno do assunto, refletida na escassez de literatura e discussões aprofundadas sobre a morte no currículo escolar. Essa omissão pode ser interpretada como uma tentativa de proteger crianças e adolescentes do desconforto e da complexidade associados ao tema, mas também pode perpetuar uma falta de preparo para lidar com experiências de perda e trauma.

Ao explorar o conto de Rubião, onde Zacarias se torna um símbolo das vítimas silenciadas da ditadura militar brasileira, é possível estabelecer uma conexão direta com os desafios enfrentados pela educação em abordar histórias de injustiça e repressão. Assim como as crianças precisam ser educadas sobre a irreversibilidade e universalidade da morte, também é crucial que compreendam os eventos históricos que moldaram a sociedade brasileira, como os desaparecimentos forçados e as violações dos direitos humanos durante aquele período.

Uma alternativa complementar à discussão do conto literário, pode ser a utilização de documentos e fontes que informem essas questões mais complexas e sensíveis da história. Como abordado por Circe Bittencourt, a utilização de documentos nas aulas de História não se restringe apenas a uma forma de apresentar fatos, mas também é crucial para introduzir os alunos aos processos metodológicos (2008).

Para compreender a relação de como Zacarias retrata essa condição, podemos recorrer ao "Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964". Esse documento, produzido pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos em colaboração com o Instituto de Estudos da Violência do Estado, oferece um registro detalhado das vítimas do regime militar, incluindo histórias individuais de pessoas cujas vidas foram brutalmente interrompidas. Assim como Zacarias, essas pessoas tiveram os seus destinos alterados de maneira injusta e violenta, sendo privadas não apenas de suas vidas, mas também de seu direito à memória e justiça.

Adicionalmente, o "Tomo V, a tortura" do projeto "Brasil nunca mais", elaborado pela Arquidiocese de São Paulo, oferece uma análise detalhada das práticas de tortura durante o período militar. Esse registro não apenas documenta as metodologias de tortura empregadas, mas também inclui relatos individuais de pessoas que foram submetidas a essas práticas

desumanas. A combinação desses documentos históricos oferece aos estudantes uma visão ampla e crítica dos abusos de poder e das violações dos direitos humanos ocorridas no Brasil.

Já o Memorial da Democracia, um museu virtual mantido pelo Instituto Lula, desempenha um papel crucial ao resgatar e preservar a memória das lutas do povo brasileiro pela democracia, igualdade e justiça social. Este recurso digital não só documenta os eventos históricos significativos, mas também dá voz às experiências daqueles que resistiram à repressão, reafirmando a importância de aprender com o passado para construir um futuro mais justo e inclusivo.

Dessa forma, ao utilizar o conto de Rubião juntamente de documentos que retratam a realidade sensível envolta aos mortos e desaparecidos da ditadura militar, não apenas se busca emocionar os alunos, mas também se abre espaço para o estudo detalhado dos atos das pessoas afetadas pela conjuntura política em questão. Isso possibilita uma compreensão mais profunda da história e a exploração das complexidades do passado (ALBERTI, 2021, p. 28).

Considerações finais

Considerando as reflexões apresentadas, é evidente que o ensino de história desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na análise crítica dos eventos passados. Segundo Michel de Certeau (1982), é através da rememoração e da narração que podemos moldar a visão do futuro. Nesse sentido, abordar temas como as violações de direitos humanos e a repressão política durante a ditadura militar brasileira torna-se não apenas relevante, mas essencial para uma compreensão profunda da nossa história.

Ao trazer personagens como Zacarias para o centro das discussões em sala de aula, os educadores não apenas proporcionam aos alunos uma visão íntima das consequências humanas desses períodos sombrios, mas também os incentivam a refletir criticamente sobre os métodos empregados para silenciar e invisibilizar opositores políticos. O conto de Rubião, portanto, transcende o mero exercício literário; ele se torna uma ferramenta poderosa para discutir questões de direitos humanos, justiça social e responsabilidade histórica.

É crucial reconhecer que, mesmo após décadas desde o fim da ditadura, o debate sobre os mortos e desaparecidos políticos continua relevante e necessário para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A Lei da Anistia, embora fundamental para a transição democrática, não deve ser vista como um encerramento das discussões, mas sim

como um ponto de partida para um diálogo contínuo e inclusivo sobre os traumas e injustiças do passado.

Portanto, o ensino de história não se limita a transmitir conhecimentos factuais; ele capacita as novas gerações a compreenderem criticamente as complexidades da história nacional. Ao incorporar narrativas como a de Zacarias, os educadores não apenas honram a memória das vítimas, mas também capacitam os alunos a serem agentes de mudança comprometidos com a defesa dos direitos humanos e com a construção de um futuro onde a justiça e a verdade prevaleçam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Ditadura militar brasileira nas aulas de História. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0102, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313332021e0102/13269>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

ARAÚJO, Maria do Amparo Almeida *et al.* **Dossiê dos mortos e desaparecidos políticos a partir de 1964**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Tomo V: A Tortura**. "Brasil: Nunca Mais". Petrópolis, Vozes, 1985. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnmnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.dhnet.org.br/w3/bnm/tomo_v_vol_1_a_tortura.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

CANES, Michèle. Comissão reconhece mais de 200 desaparecidos políticos durante a ditadura militar no Brasil. **Agência Brasil**. Direitos Humanos. 10 dez. 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-12/comissao-reconhece-mais-de-200-desaparecidos-politicos-durante>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

COMISSÕES DA VERDADE. Disponível em: <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/comissoes-da-verdade>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

GARCIA, Flávio. Estratégias narrativas dos novos discursos fantásticos na contística de Murilo Rubião, como via de escape dos anos duros da ditadura militar brasileira, em “Botão de rosa”, de O convidado (1975). **Literartes**. n. 6. p. 26-45. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Anna%20Flavia/Downloads/zeluiz,+d_Artigo-garcia-estrategias+narrativas_OK.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2024.

JOFFILY, Mariana. Direito à informação e direito à vida privada: os impasses em torno do acesso aos arquivos da ditadura militar brasileira. **Est. Hist**, Rio de Janeiro, v. 25, nº 49, p. 129-148, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/t5ysKQMnC94MRBKWnvsGBvb/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-81, Jan./Jun. de 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf\(=pt\)](https://www.scielo.br/j/pee/a/gvYZXXFXmV89Jq66KmvcWJf/?format=pdf(=pt))>. Acesso em: 19 jun. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 1990

MACHADO, Vanderlei. Paternidade, maternidade e ditadura: a atuação de pais e mães de presos, mortos e desaparecidos políticos no Brasil. **História Unisinos**. 17(2):179-188, Maio/Ag. 2013. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2013.172.09>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MAEDA, T. S. **Cemitério é Lugar de Criança?** A Visita Guiada ao Cemitério Consolação como Recurso para Abordar a Educação Sobre a Morte nas Escolas. 2027. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <REPOSITARIO PUCSP: Cemitério é lugar de criança? A visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Disponível em: <<https://memorialdademocracia.com.br/>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

MENESES, Sônia. Luto, identidade e reparação: videobiografias de desaparecidos na ditadura militar brasileira e o testemunho no tempo presente. **História Oral**, 2014.

Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/334/pdf>>.

Acesso em: 04 jun. 2024.

MURILO RUBIÃO. Disponível em: <https://www.murilorubiao.com.br>. Acesso em: 19 jun. 2024.

NOGUEIRA, Beatriz; SALLA, Thiago Mio. Zacarias: de pirotécnico a morto-vivo - uma análise. Macabéa. **Revista Eletrônica do Netlli**. v. 10. n. 5. p. 403-424. jul./set. 2021.

Disponível em: <ReP USP - Detalhe do registro: Zacarias: de pirotécnico a morto-vivo : uma análise>. Acesso em: 04 jun. 2024.

NOVAES, Nayara Marylandy Saraiva. A (im)possibilidade de narrar e morrer nos tempos modernos: uma leitura de “O caçador Graco”, de Franz Kafka e “O pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião. **Memento: Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**. Mestrado em Letras - UNINCOR. V. 07, N. 1. p. 1-12. jan./jun.2016

Disponível em:

<<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2555>>. Acesso em: 04 jun. 2024.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. A arte de falar da morte: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2008.

PORTO, Silvia Cristina Costa. **“Botão-de-rosa”**: o fantástico absurdo em Murilo Rubião. 2020. 128 F. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020. Disponível em <Botão-de-rosa: fantasmagorias e absurdismo no universo de Murilo Rubião (researchgate.net)>. Acesso em: 04 jun. 2024.

RUBIÃO, Murilo. **Murilo Rubião - obra completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SALGADO, Lívia. Os anos 1990 e a questão dos mortos e desaparecidos da ditadura no Brasil. Antropolítica - **Revista Contemporânea de Antropologia**, Ago. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/53085/32878#toc>>. Acesso em 04 jun. 2024. Acesso em: 04 jun. 2024.

SANTOS, Gabriel da Silva. SANTOS, Noemi Duarte Mascarenhas. SALLES, Rodrigo Jorge. Processo de luto de familiares de desaparecidos políticos na ditadura militar brasileira. **Interação em Psicologia**. v. 26. n. 2. p. 137-147. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v26i2.79006>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Literatura como Instrumento de Discussão Acerca da Morte.

Psicologia da Educação. São Paulo, 41, p. 119-126. 2º sem. de 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao>. Acesso em: 07 jun. 2024.